

A CULTURA ESCOLAR E O (DES)INTERESSE JUVENIL: UMA ANÁLISE DO FILME ESCRITORES DA LIBERDADE.

Elían Sandra Alves de Araújo¹
Lílian Bárbara Cavalcanti Cardoso²

RESUMO

Este artigo busca apresentar algumas reflexões sob a perspectiva da proposta de Dayrell (2007), no tocante a juventude e a escolarização, destacando a visão apocalíptica das discussões da culpabilidade mútua, entre escola e os jovens estudantes, sobre o fracasso do processo de escolarização. Para tanto, tomamos como suporte a análise imagética do filme “Escritores Liberdade”, buscando compreender as falas das personagens por meio da concepção de juventudes. Os meios metodológicos que encontramos para promover essas reflexões e para fundamentar a análise do filme foi a pesquisa bibliográfica ou, o que tomamos como revisão de literatura dialógica e sistêmica, seguindo a perspectiva da autora Sheron Walker (2015) e a análise fílmica em três fases, a saber: assistir ao filme, seleção de trechos relacionado ao objeto de estudo deste trabalho e por fim, a interpretação e análise dos trechos. Consideramos como algumas hipóteses levantadas neste artigo, a de que seria inadequado apontar um único culpado para os problemas da escola. No filme, foi possível perceber que muitos jovens que quando motivados pela escola buscam viver suas possibilidades e pensar em um futuro. Nesse sentido, corroboramos a afirmação de Charlot (2000) de que o fracasso escolar não existe, o que existe são estudantes em situação de fracasso.

Palavras-chave: Cultura escola, juventudes, fracasso escolar.

INTRODUÇÃO

Vários estudos sobre o jovem estão sendo tecidos, visando compreender como estes se organizam no contexto social e cultural ao longo dos tempos. Muitos destes trabalhos limitam-se a resumir o jovem a uma concepção que se apresenta estática, invariável e atemporal, no entanto sabe-se que os grupos aos quais pertencem esses sujeitos podem possuir interesses em comum, mas não são os mesmos, há diferenças em relação às classes sociais ocupadas, pensamentos (filosofias de vida) e épocas vividas.

Há na verdade, um jogo de subjetividades no que diz respeito aos grupos de jovens, e neste sentido, Bourdieu (1983) destaca a importância de se perceber estes grupos e denominá-

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas- PPGE/UFAL, bolsista FAPEAL, Professora do Departamento de Educação – UFRPE, lian.sbio@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas- PPGE/UFAL, bolsista FAPEAL, lilianbarbara.cc@gmail.com

Este trabalho resulta das discussões propostas ao longo da disciplina Juventudes e Escolarização do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFAL, ministrada pela Professora Dr^a. Rosemeire Reis Silva.

los por ‘juventudes’. É importante não abusarmos da linguagem para definirmos como unidade comum, universos tão distintos. Segundo o autor,

A juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre jovens e os velhos. As relações entre idade social e a idade biológica são muito complexas. A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Abuso da linguagem que se pode subsumir no mesmo conceito, universos sociais que praticamente não possuem nada de comum (BOURDIEU, 1983, p. 2).

Na mesma esteira, Pais (1990) segue destacando que a Sociologia que fundamentava a juventude dentro do padrão das relações de poder, ou seja, que considerava a juventude como categoria da linguagem comum, de intervenção administrativa, do discurso político próprio, tem sua teoria e seus conceitos permeados de paradoxos e o conceito de juventude pode ser considerado como um exemplo, no qual a realidade socialmente construída sobre ele está sendo reformulada, surgindo assim, uma sociologia da juventude. Ainda nesta perspectiva do autor destaca a necessidade de centrarem-se os estudos nas diferenças sociais dos grupos jovens, para ele,

[...], nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária». No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também — e principalmente — as diferenças sociais que entre eles existem (PAIS, 1990, p.140. Grifo do autor).

Assim, podemos perceber que a Sociologia da Juventude tem trilhado, preponderantemente, por duas linhas, em que uma delas considera a juventude como uma fase da vida dos indivíduos em dada faixa etária buscando aspectos uniformes e homogêneos da cultura juvenil; enquanto a outra considera a diversidade das culturas juvenis e suas variáveis como as diferenças econômicas, ocupacionais e de interesses.

Nesse sentido, o que podemos considerar como culturas juvenis? Na concepção de Pais (1990, p.140) as culturas juvenis têm sido referenciadas como um “conjunto de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostra de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de «juventude», como podem, também, ser derivados ou assimilados [...]”. Por isso, é necessário, como princípio de uma construção sociológica, compreender a cultura juvenil a

partir de seus paradoxos, entre os quais destacou o autor: comportamento do cotidiano, as maneiras de pensar, suas motivações para ações, suas perspectivas em relação ao futuro, suas representações e identidades sociais.

Esta necessidade de problematizar a condição de ser jovem na atualidade, considerando suas concepções de mundo, cultura, práticas e manifestações perpassa o chão da escola. Ou seja, é importante buscar a compreensão das juventudes que estão presentes no contexto escolar, buscando assim, a desmistificação sociológica da juventude como uma entidade homogênea (PAIS, 1990; DAYRELL, 2007).

Neste sentido, este artigo busca apresentar algumas reflexões sob a perspectiva da proposta de Dayrell (2007), no tocante a juventude e a escolarização, destacando a visão apocalíptica das discussões da culpabilidade mútua, entre escola e os jovens estudantes, sobre o fracasso do processo de escolarização. Para tanto, tomamos como suporte a análise imagética do filme “Escritores Liberdade”, buscando compreender as falas das personagens por meio da concepção de juventudes.

Os meios metodológicos que encontramos para promover as reflexões sobre a cultura escolar e suas implicações no (des) interesse juvenil e para fundamentar a análise do filme foi a pesquisa bibliográfica ou, o que tomamos como revisão de literatura dialógica e sistêmica, seguindo a perspectiva da autora Sheron Walker (2015).

Diante deste contexto, consideramos pertinente a organização deste texto em três seções, onde inicialmente buscamos apresentar a metodologia utilizada para a realização desta análise imagética; seguindo com a análise de citações de trechos do filme fazendo relação destas com os textos de Dayrell (2007), Abrantes (2003), Pais (1990), entre outros que consideramos aqui relevantes; por fim, tecemos algumas considerações que julgamos necessárias para a discussão aqui pretendida.

METODOLOGIA

A revisão de literatura é um processo importante para aqueles que precisam interpretar e analisar qualquer fonte de pesquisa, seja ela um documento, uma entrevista, inclusive, um filme. A proposta que fundamentou este trabalho foi a de Sheron Walker (2015) a proponente de uma revisão de literatura dialógica e sistêmica. A concepção da autora teve como base a concepção de Montuori (2005) de revisão de literatura criativa. Nesse processo, os textos escolhidos para fundamentação teórica do objeto de pesquisa ultrapassam o naipe de uma metodologia de sumariarão de autores que já escreveram ou estudaram sobre a temática; essa

proposta desafia o pesquisador a promover um diálogo entre os autores dos textos selecionados de uma forma criativa sem exaustão.

Na concepção de Montuori (2005) esse diálogo é construído em autores de uma mesma comunidade que compartilham das mesmas ideias e o pesquisador como parte de uma comunidade precisa se posicionar e promover uma conexão com seus pares. Seguindo essa lógica, a revisão de literatura ...

[...] é, dentre tantas coisas, uma oportunidade de dialogarmos com pessoas às quais compartilhamos interesses. Através deste diálogo podemos aprender sobre elas e suas visões, e também sobre quem somos; nossas próprias crenças, premissas, valores e preferências; e quem somos no contexto da comunidade em que escolhemos participar. Onde nos situamos nesta comunidade? Quem sou "eu", neste contexto? (p.21)

No processo de escrita o maior desafio para um pesquisador no momento da revisão de literatura é promover esse diálogo sem tornar o texto uma listagem de citações de autores, esquecendo de fazer a crítica, a qual não está ligada a ideia de apontar erros, mas em estabelecer reflexões sobre o assunto estudado ao modo que o leitor acompanhe o raciocínio e também construa conhecimento. Nesse sentido, “A pesquisa criativa começa com o argumento epistemológico de que escrever uma revisão de literatura é um processo que envolve uma construção ativa do conhecimento por parte do revisor.

Para fundamentarmos a análise do filme *Escritores da Liberdade* fizemos um levantamento da literatura acadêmica que abordou o objeto de estudo deste artigo que se centrou em dois eixos norteadores: a cultura escolar e o (des) interesse juvenil pela escolarização.

O filme *Escritores da liberdade*, baseado em fatos reais, foi lançado em 2007, sendo sucesso de público e crítica até então. A trama hollywoodiana se baseia no best-seller “The Freedom Writers Diaries”, e apresenta a realidade de uma escola participante do Programa de Integração, que visou ampliar o acesso de jovens imigrantes à escola.

O roteiro destaca a realidade de uma professora recém-formada e da sua turma de inglês, compostas basicamente por jovens imigrantes e participantes de gangues locais. O enredo nos apresenta as dificuldades cotidianas enfrentadas pela docente e seus alunos nos espaços escolar e familiar, trazendo um exemplo de superação e mudança de realidades, por meio do processo de escolarização, de sujeitos que tinham o “fracasso” como a única alternativa para suas vidas, fugindo assim dos padrões hollywoodianos. (ARAÚJO; LUNA; FREITAS, 2012)

Para o desenvolvimento deste texto, buscamos realizar a análise imagética da película em pauta, visto que, trabalhos como este nos possibilitam fomentar aprendizagens específicas (FABRIS, 2008). Neste sentido, a análise foi realizada em três etapas, a saber: assistir ao filme

e destacar os aspectos de interesses para a discussão proposta; descrição dos elementos de interesse e por fim, a interpretação dos elementos destacados (PENAFRIA, 2008).

Finalizadas as etapas descritas buscamos realizar a discussão dos trechos selecionados no filme com alguns dos autores que escolhemos como suporte teórico para esta proposta de trabalho. A seguir, tecemos algumas discussões sobre a juventude e o processo de escolarização, com base nas cenas e diálogos tecidos ao longo do filme “Escritores da Liberdade”.

O JOGO DE (DES) INTERESSES NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO JUVENIL

A escola não é um local exclusivamente de transmissão de conteúdo é um espaço de afetos, de expressão e de lazer. Os jovens sentem-se fora do contexto escolar quando a própria escola não consegue agregar essas relações para além dos conteúdos que estão vivos entre os sujeitos que a frequentam. Para Bourdieu (1983, p.4): “um dos efeitos fundamentais da escola, é a manipulação das aspirações. O sistema escolar era menos nebuloso que o sistema atual, com seus complexos desdobramentos que fazem as pessoas terem aspirações incompatíveis com suas chances reais”.

A escola assim, é vista como um local de paradoxos, segundo Dayrell (2007) há um conflito entre opiniões entre os que tentam encontrar o culpado pela crise que existe entre a juventude que frequenta a escola e própria escola. As opiniões que se tem atualmente sobre a questão do “fracasso escolar” são contraditórias, ao passo em que a escola e seus profissionais culpam os jovens por não ter interesse, os jovens culpam a escola por não ser atrativa, por ser cansativa e por não ouvir os seus interesses.

Na concepção de Charlot (2000), "o fracasso escolar não existe; o que existe são alunos em situação de fracasso" (p. 16). O que existem são circunstâncias que leva estudantes a estar na condição de fracasso escolar. Ainda, segundo o autor:

“[...] existem, é claro, alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é dispensado, que não adquirem os saberes que supostamente deveriam adquirir, que não constroem certas competências, que não são orientados para a habilitação que desejam, alunos que naufragam e reagem com condutas de retração, desordem, agressão. É o conjunto desses fenômenos, observáveis, comprovados, que a opinião, a mídia, os docentes agrupam sob o nome de “fracasso escolar” (p. 16).

O fracasso escolar seguindo essa concepção de Charlot (2000) seria um fenômeno ligado a ideia de uma recusa a estudar, “[...]a uma transgressão das regras... o fracasso escolar é “não ter”, “não ser”. (p. 17) A tendência ideológica do fracasso escolar esteve, historicamente,

segundo Patto (2014), relacionada a culpabilização do estudante por seus desempenhos escolares. Porém, a culpa do fracasso escolar não é dos professores e nem do estudante, partimos da perspectiva de análise de João Francisco de Souza (2009) que afirma que a Prática Pedagógica de uma escola está centrada em quatro práticas: a docente, a discente, a gestora e a epistemológica, ou seja, não depende somente da prática docente e discente, como também, depende da prática gestora e epistemológica. Todas as práticas dependem umas das outras para cumprir o principal objetivo da escolarização, que para o autor, deveria ser a humanização dos seres humanos.

Essa crise que nos remete a ideia de fracasso escolar que parte do que foi selecionado, do que as avaliações e as dinâmicas irão propor na formação dos indivíduos. O ideal a ser formado não está preocupado com a humanização, mas sim com um treinamento para o mercado de trabalho que segue um fluxo de concorrência de competição de quem sabe mais, se destaca mais. O conhecimento selecionado nos currículos são parâmetros para medir o grau de sucesso dos estudantes e dos professores, ambos são cobrados nesse processo.

Nesse contexto, Dayrell (2007, p. 106) afirma que “ao buscar compreender essa realidade, um primeiro passo é constatar que a relação da juventude com a escola não se explica em si mesma: o problema não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas à escola, como as análises lineares tendem conceber.” Ele parte do pressuposto que o conflito existente na relação entre escola e juventude está relacionado a um contexto amplo de mudanças que vem afetando todos os setores das sociedades ocidentais.

A CULTURA ESCOLAR E A NECESSIDADE DE AJUSTE

A ideia de “cultura escolar” é um conceito relativamente recente com diferentes definições. Nesse artigo, este “representaria tanto o conjunto de normas que definem os saberes a serem ensinados e as condutas a serem incorporadas quanto o conjunto de práticas que permitem a transmissão desses saberes e a incorporação dessas condutas (JULIA, 1995 apud CUNHA, 2017). Embora também esteja sujeita as modificações ao longo dos tempos, a cultura escolar mantém valores que lhe estão arraigados, como a hierarquização de saberes e a relação de poder entre professores e alunos (CUNHA, 2017).

É sabido que estes valores da cultura escolar se vêem colocados à prova diariamente, especialmente após a massificação do acesso a escola. Dubet (1998, p.2) denuncia a existência de um sentimento de crise indefinida, para ele “[...] Em primeiro lugar, os objetos da escola perderam sua clareza e sua unidade: espera-se que a instrução socialize os alunos em uma

cultura comum, que proporcione formações uteis para o emprego e, por fim, que permita o desenvolvimento da personalidade”.

Esta necessidade de socialização e ajustes dos estudantes ao padrão aceitável dentro da cultura escolar é denunciado no filme “Escritores da liberdade”, em um diálogo entre a professora Gruell com a coordenadora da escola, onde a professora tenta convencê-la de que seria necessário mudanças na metodologia de ensino de sua turma, no entanto a coordenadora expondo sua experiência profissional enfatiza que o máximo que que a professora poderia fazer seria promover o ajuste disciplinar dos estudantes:

Coordenadora – [...] O que pode tentar fazer é que eles tenham disciplina, obedeçam... essa já seria uma conquista enorme para eles.

A fala e a postura da coordenadora, ao longo da trama, sinalizam para o entendimento de que aqueles jovens eram ‘irresponsáveis’ e ‘desinteressados’, isto, dentro da perspectiva que Pais (1990) nos traz sobre o conceito de juventude como historicamente e socialmente relacionado à responsabilidade. A juventude seria assim, um problema social e a escola seria um local de ajustes destes sujeitos.

E é neste paradoxo que se forjam as discussões sobre a culpabilidade mútua do fracasso do processo de escolarização, que Dayrell (2007) denomina como visão apocalíptica das discussões. Professores acusam os estudantes e estudantes acusam seus professores, como podemos observar nos trechos a seguir:

Coordenadora - você não pode fazer que alguém queira educação.

Professor – são garotos que não querem estar aqui, estão porque são forçados.

Aluno falando com a professora Gruell – você não faz a menor ideia do que fazer aí na frente. [...] você não sabe de nada... Não tem respeito pelo modo que vivemos você vem aqui pra ensinar essa droga de gramática e depois nós voltamos pra lá, o que você entende disso? O que você está ensinando aqui que fará diferença na minha vida?

É nesta esteira que Dayrell (2007), também destaca a crise da escola e sua relação com a juventude por não saberem a que escola se propõe, para ele

A educação da juventude, a sua relação com a escola, tem sido alvo de debates que tendem a cair numa visão apocalíptica sobre o fracasso da instituição escolar, com professores, alunos e suas famílias culpando-se mutuamente. Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretenso individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano

enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe. (DAYRELL, 2007, p.2, GRIFO NOSSO).

Nos deparamos, então, com a possibilidade de estabelecermos alguns outros questionamentos: seriam de fato os estudantes/jovens que não tem interesse em aprender? A escola estaria de fato atenta as necessidades postas no chão da sala de aula por este público que agora atende? Ainda é viável mantermo-nos presos a uma cultura escolar dominante que se pauta no ajuste dos sujeitos? Não precisaríamos estabelecer o diálogo na sala de aula para podermos melhorar a prática docente e assim, o interesse e desempenho dos estudantes?

Pesquisas empíricas sinalizam, de um modo geral, para uma adesão distanciada dos jovens à escola, de modo que estes vão mantendo uma relação flexível onde por vezes resistem e infringem as regras e noutras, se permitem participar das situações propostas (ABRANTES, 2003, p. 98). A busca pela superação da realização de puros exercícios gratuitos na ‘escola do poder’ (BOURDIEU, 1983) tanto pelos docentes quanto pelos estudantes parece-nos cada vez mais premente. Sigamos nossa discussão com o exemplo real da sala de aula dos Escritores da liberdade.

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE RECONHECIMENTO E DE FORMAÇÃO PARA O JOVEM

Partindo das cenas do longa em análise, temos inicialmente uma turma marcada pela situação de fracasso, onde os jovens membros de gangues locais são obrigados a frequentar a sala de aula, que por sua vez, apresenta muros invisíveis estabelecidos entre os diferentes grupos de jovens e respectivamente entre estes e a professora. Temos também nesta história real, uma jovem professora cheia de sonhos e pouquíssima experiência e que não consegue ter o apoio do corpo docente e da coordenação da escola para desenvolvimento de seu trabalho.

É nesta conjuntura de contradições e desafios que a professora Gruell em meio a uma das muitas tentativas de ministrar suas aulas de gramática, em discussão com seus alunos, percebe a necessidade de sair das rédeas curriculares e trazer um conteúdo contextualizado e que tenha significado para sua turma.

Sobre isto, Abrantes (2003) nos lembra de que quando o processo de escolarização faz pouco sentido para o jovem, por pautar-se na obrigatoriedade e no cenário de um mercado de

trabalho competitivo e inchado é comum que os jovens encontrem dificuldades em estabelecer seus projetos de vida. A escola então seria um espaço a ser resistido. E estas formas de resistência segundo o autor “não são individuais, mas coletivas” (p.107). Para superar esta resistência, caberia ao professor estabelecer situações que promovam a motivação dos alunos, como destaca Dubet (1998, p.5) “na escola de massa, a relação pedagógica é cada vez mais íntima e, de uma certa forma, cada professor e cada grupo de professor constrói a instituição”.

É esta construção que a professora Gruell conseguiu ao estabelecer uma relação mais próxima de seus alunos por meio das metodologias diferenciadas que se propôs a utilizar. Assim, é por meio do movimento de troca de experiências, de ouvir os desejos e anseios dos sujeitos que dividiam o espaço da sala de aula que aquela turma se formou, no sentido literal da palavra, um grupo, estabelecendo assim relações mais próximas entre professora/alunos e alunos/alunos. Sobre esta possibilidade de interações e mudança de perspectivas no tocante ao sentido da sala de aula, Abrantes (2003) nos lembra que,

Em escolas em que a grande maioria dos jovens, de várias origens sociais, esta efetivamente integrada, podendo desenvolver atividades que considera significativas, participar legitimamente na construção da realidade, as tensões e distâncias culturais esbatem-se as inesperadas circunstâncias da interação cotidiana tendem a gerar as tais proximidades afetivas entre jovens de diferentes origens, compondo redes de sociabilidade inter étnicas, geradoras de disposição e identidades híbridas e passíveis de desbloquear ou atenuar situações complexas e limitações estruturais. [...] Unidade organizadora dos tempos, espaços e atores a turma constitui o núcleo em torno do qual se começam a estruturar grupos e redes de amigos, devido às oportunidades estruturais. Os critérios informais de fabricação das turmas. (ABRANTES, 2003, p.107).

O espaço da sala passou a não ser um local a ser resistido, mas sim compartilhado, os estudantes daquela turma em meio às diversas situações quotidianas que eram demandadas pelas propostas metodológicas da professora, passaram a se reconhecer no outro, estabelecendo redes de afeto e compromisso consigo e com os outros. Eles conseguiram organizar uma perspectiva de futuro diferente do fracasso que lhes era dado como certo, e a sala de aula foi o espaço onde estes sonhos foram construídos.

Em um dado momento da trama, um dos estudantes destaca o quão importante passou a ser a sala de aula para ele e para o grupo, ao falar da sua turma deixa claro como aquele é um espaço de reconhecimento: “Este é meu porto seguro! Todo mundo gosta de todo mundo. Todo mundo conhece todo mundo. Este é o único lugar onde podemos ser nós mesmos. Não tem nenhum lugar como este lá fora”. É fato que esta professora e estes jovens encontraram uma

forma significativa de viver a escola e de estabelecer novas possibilidades para dar sentido ao seu cotidiano.

Foi diante das muitas dificuldades diárias enfrentadas por estes sujeitos, que a escola surgiu novamente como a possibilidade de recomeço, de mudança na forma de verem e viverem o mundo em seus diferentes sistemas – econômico, político, cultural e educacional. A escola, assume nesta perspectiva a condição de responsável pela melhora na condição de vida destes sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo diante de uma história norte americana, marcada por questões peculiares como a imigração e as brigas de gangues por território, esta história muito tem em comum com a realidade vivida nas escolas públicas brasileiras, por isso a nossa escolha desta trama para análise. Ao nos depararmos com exemplos reais como estes, se torna impossível não refletirmos sobre as possibilidades e sobre os desafios da educação.

Entendemos, no entanto, que seria raso apontar um único culpado para os problemas da escola. Mas, é fato que como no filme encontramos muitos jovens que quando motivados pela escola buscam viver suas possibilidades e pensar em um futuro, de igual modo muitos são os professores que buscam motivar suas turmas e ir além do engessamento curricular e avaliativo que definem os rumos de suas aulas. É paradoxal pensar que o contrário também é realidade.

É fato que nos deparamos com a certeza de que temos um longo caminho a percorrer enquanto docentes/pesquisadores que atentam para a necessidade de mudança do nosso fazer pedagógico visando mitigar as diferentes condições que se apresentam no espaço da sala de aula, da escola.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – **FAPEAL**.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, P. Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade. In: **Sociologia, Problemas e Práticas**, nº 41, 2003, pp. 93-115.

ARAÚJO, E.S. A.; LUNA, M. S.; FREITAS, J. I. O. Análise do filme escritores da liberdade: lições para a educação de jovens e adultos. In: **Anais do Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”** – EDUCONSE, 2012. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_02/PDF/75.pdf.

CUNHA, R. B. Alfabetização científica ou letramento científico: interesses envolvidos nas interpretações da noção de scientific literacy. In: **Revista Brasileira de Educação**, v.22, nº 68, jan.-mar. 2017.

DAYRELL, J. **A escola faz as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação e Sociedade, Campinas, Vol. 28, n. 100- Especial, p. 1105-1128.

DUBET, F. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. In: **Revista Contemporaneidade e Educação**, ano 3, vol. 3, 1998, p. 27-33.

ESCRITORES DA LIBERDADE. Direção: Richard LaGravenese. Intérpretes: Hilary Swank, Patrick Dempsey e outros. Paramount Pictures, 2006, 122min.

FABRIS, H. E. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Educação e realidade**. 33 (1): 117 – 134. Jan/jun 2008.

MONTUORI, Alfonso. Literature review as creative inquiry, reframing scholarship as a creative process. **Journal of Transformative Education**, v. 3, n. 4, p. 374-393, 2005.

PAIS, J. M. **A construção sociológica da juventude:** alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.

PATTO, M. H. de S. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo livraria e editora, 2014.

PENAFRIA M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 10 de jun. 2012.

SOUZA, João Francisco de. Concepção de práxis pedagógica. In: BATISTA NETO, José; SANTIAGO, Eliete (Org.). **Prática pedagógica e formação de professores**. Recife: Editora UFPE, 2009.

WALKER, Sharon. Literature reviews: generative and transformative textual conversations. **Forum Qualitative Sozialforschung**: Forum Qualitative Social Research, v. 16, n. 3, 2015.